

## GÍRIA: POSSIBILIDADES DE LEITURAS NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

**Flávia Junia Justino Pacheco Garcia**

Instituto Federal do Triângulo Mineiro

([flaviajunia@iftm.edu.br](mailto:flaviajunia@iftm.edu.br))

**Kátia Maria Capucci Fabri**

Universidade Federal de Uberlândia

([katiacfabri@gmail.com](mailto:katiacfabri@gmail.com))

### Resumo

Este estudo tem como objetivos analisar quais os efeitos de sentidos o fenômeno linguístico gíria pode desencadear e como o seu uso pode apontar para a identidade dos usuários que a produz e que a interpretam. Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreensão e análise de que a língua é uma atividade social, sendo esse fenômeno indissociável da cultura. A partir dessa justificativa, elencam-se como perguntas de pesquisa: qual é a relação entre língua e identidade social? Como a gíria classifica culturalmente um grupo social? Quais efeitos de sentido as gírias podem provocar entre os interlocutores? A base teórica para a realização deste estudo está pautada em Hall (2006), Orlandi (2001), Mussalim (2001) e Fiorin (2001). O método de abordagem desta pesquisa é o dedutivo (Gil, 1999) e a natureza da pesquisa é qualitativa (Lakatos, 2004). Para isso, o *corpus* do estudo é constituído de uma gíria retirada de uma charge do *on-line* jornal *Folha de São Paulo*, veiculada em 2007.

**Palavras-chave:** Leitura; Identidade; Discurso.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

### Flávia Junia Justino Pacheco Garcia

Doutorado em andamento em Educação Tecnológica pelo IFTM. Possui graduação em Letras Português/Inglês - Faculdades Associadas de Uberaba (2012). Pedagogia pela Universidade de Uberaba (2013). Pós-Graduação em Supervisão e Inspeção pela UNIASSELVI e Pós-Graduação em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2014). Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFTM (2019). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em práticas de leitura, utilização das TICs em plataformas de ensino-aprendizagem a distância e análise do discurso.



[lattes.cnpq.br/7143125052067245](http://lattes.cnpq.br/7143125052067245)

### Kátia Maria Capucci Fabri

Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui graduação em Pedagogia - Administração Escolar / Orientação pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava (1982), graduação em Licenciatura em Letras-Português/Inglês pela Faculdade de Filosofia Ciência e Letras São Tomás de Aquino (1975). Fez especialização em Língua Portuguesa, na FIUBE, e Linguística Aplicada na UFU. Atualmente, é professora dos cursos de Letras (EAD) da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino e produção de Leitura e Escrita, atuando principalmente com os seguintes temas: ensino de gramática, ensino de produção de leitura e escrita, linguística textual, semântica argumentativa e análise do discurso.



[lattes.cnpq.br/4992842810612109](http://lattes.cnpq.br/4992842810612109)

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

## GÍRIA: POSSIBILIDADES DE LEITURAS NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

**Flávia Junia Justino Pacheco Garcia**

Instituto Federal do Triângulo Mineiro

([flaviajunia@iftm.edu.br](mailto:flaviajunia@iftm.edu.br))

**Kátia Maria Capucci Fabri**

Universidade Federal de Uberlândia

([katiacfabri@gmail.com](mailto:katiacfabri@gmail.com))

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua expressa a identidade de determinados grupos ou classes sociais. Com a gíria, esse fenômeno não é diferente. Ela pode identificar grupos socialmente menos favorecidos e é uma entre as mais diversas formas de comportamento, expressão e realização das atividades culturais praticadas entre esses grupos. Segundo Bagno (2007, p. 37), as variações linguísticas são um processo natural da língua, e acreditar que a língua é uma entidade acabada, pronta, correta e perfeita é o grande problema.

A sociedade está em constante transformação, assim como os seres humanos, pois eles são heterogêneos, instáveis e estão em processo de construção e desconstrução. Assim, a norma padrão é uma tentativa de refrear artificialmente as variações linguísticas que representam um processo inerente à língua.

Gíria, em Luft (2000), é definida como o vocabulário especialmente criado por um determinado grupo ou categoria social, com o objetivo de servir de distinção de outra parte da sociedade, excluindo os indivíduos externos a esse grupo.

Outro conceito importante para este trabalho é o de identidade. Para Bueno (2007, p. 417) ela é definida como o conjunto de características de um indivíduo que engloba aspectos relacionados a lugar, gênero, raça, história, nacionalidade, orientação sexual, língua, crença religiosa e etnia. Os dois conceitos, gíria e identidade, estão de tal maneira entrelaçados que, para os estudiosos da língua, é impossível dissociá-los e/ou estudá-los separadamente.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Assim, este trabalho enfatizará as questões referentes à compreensão da gíria, à identidade dos falantes e a relação entre língua, sociedade e cultura de um modo geral, para, a partir daí, verificar de modo específico como se dão essas relações na charge<sup>1</sup> veiculada pela *Folha de São Paulo online*, 2007.

## DESENVOLVIMENTO

Existem várias concepções de língua, sendo que, nesta pesquisa, tal conceito será tomado como um sistema transmitido culturalmente, aprendido e partilhado pelos membros de um mesmo grupo social. A linguagem possibilita ao homem dar significado ao mundo que o rodeia.

Para Bueno (2007), “grupo social é uma forma básica de associação humana que se considera como um todo, com tradições morais e materiais”. Mediante isso, podemos citar como características de um grupo social a pluralidade de indivíduos, a interação social, a organização, o objetivo comum, a consciência grupal, a linguagem e a identidade coletiva.

Todo agrupamento social dispõe de estruturas que o sustentem. Sem elas, os grupos não existiriam. A linguagem é um dos mais importantes mecanismos de sustentação grupal. Ela é o conjunto de símbolos tido como mais importante para a distinção e identificação dos grupos. Sem a linguagem não seria possível que as organizações sociais humanas expressassem suas manifestações culturais, sejam elas políticas, religiosas ou culturais (OLIVEIRA, 2011, p. 67). Portanto, podemos notar que a identidade do indivíduo se estrutura na língua e através dela. A esse respeito, Signorini (1998, p. 41) afirma:

O indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, a identidade da língua e do indivíduo tem implicações mútuas.

Dessa forma, a língua e a identidade são dois fenômenos indissociáveis e um depende mutuamente do outro. Há entre elas um elo muito forte que não há como ter uma concepção de indivíduo sem falar da sua identidade linguística. Segundo Le Page (1980 *apud* SILVA, 2010),

---

<sup>1</sup> Texto visual ou verbo-visual, que focaliza criticamente uma determinada realidade, geralmente política, usando o humor e a ironia. (ROMUALDO, 2000).

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice por excelência da identidade. As escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza e estão associados às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação.

Diante disso, podemos situar a gíria dentro desse processo língua- identidade, pois ela pode expressar as características de determinados grupos que fazem escolhas lexicais. Essas escolhas estão carregadas de pré-conceitos, opiniões e julgamentos que revelam a forma como determinado grupo encara o mundo e a realidade à sua volta. Elas são importantes, pois auxiliam na identificação cultural das pessoas. Por isso, é relevante analisar o contexto do discurso do falante de gírias, pois elas são definidas de acordo com o tempo, meio, classe, profissão ou preferência.

A seguir, apresentamos os fundamentos da Análise do Discurso<sup>2</sup> que também serão suporte para analisar o discurso dos falantes de gíria.

Apresentamos inicialmente os dois estudiosos responsáveis pela gênese da AD de linha francesa. São eles Michel Pêcheux, filósofo envolvido com os debates acerca do marxismo, da psicanálise e da epistemologia e Juan Dubois, lexicólogo, linguista envolvido com os debates linguísticos de sua época. São reconhecidos como fundadores da AD, como foi desenvolvida na França a partir dos anos 60.

Apesar das significativas diferenças entre os projetos dos dois, ambos partilhavam de ideias dominantes naquele cenário, convicções marxistas sobre a luta de classes, movimento social e história. É, pois, sobre o horizonte da teoria marxista que o projeto dos dois toma forma.

Segundo Malidier (2001), o objeto de discurso que Pêcheux desenvolve não é apenas com o objetivo de superar a linguística fundada por Saussure, mas retoma a dicotomia entre língua e fala para arrolar os processos de significação e oferece um procedimento de leitura que considerava as condições de produção do discurso.

Dessa forma, a AD é pensada como uma ruptura epistemológica em relação ao que se fazia nas ciências humanas, reunindo a questão do discurso com as do sujeito e da ideologia.

---

<sup>2</sup> Doravante “AD”.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Para compreendermos a noção de sujeito na AD, devemos considerar, inicialmente, as fases que a AD passou e as diferentes noções de discurso, que conseqüentemente geram diferentes noções de sujeito (MUSSALIM, 2001).

Na primeira fase, o sujeito não poderia ser um indivíduo que diz, como fonte própria de discurso. Nesta fase ele é concebido como assujeitado a uma ideologia, a uma instituição ou teoria. Na segunda fase, esta noção sofre uma pequena alteração e precisa ser entendida na Formação Discursiva de Foucault (1969 *apud* MUSSALIM, 2001), em que ele desempenha diferentes papéis dentro do discurso, mas ainda assim não é totalmente livre.

O sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e este lugar, entendido como representação de traço de determinado lugar social (o lugar do professor, do político, do publicitário, por exemplo), que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali. Ou seja, este sujeito, ocupando lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso. (MUSSALIM, 2001, p. 133)

Na terceira fase da AD, a noção de sujeito sofre outra modificação que instaura uma nova concepção. Assim, o sujeito é visto de forma heterogênea, dividido e múltiplo. (MUSSALIM, 2001).

Como explica Fernandes (2007, p. 40), “a constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social em diferentes segmentos da sociedade”. Percebemos que, ao interagir, o sujeito modifica sua ação e conseqüentemente seu discurso.

Analisando as três concepções apresentadas do sujeito ao longo das fases da AD, é possível distinguir uma característica comum, o sujeito não é o dono de sua vontade, ora temos um sujeito que suporta as coerções de uma formação ideológica, ora ele padece da sua própria natureza inconsciente (MUSSALIM, 2001). Assim, o sujeito não é a origem, o início ou a fonte absoluta do sentido,

porque na sua fala há a presença de outras falas que o sobrepõem (BRANDÃO, 1998, p. 92). Percebemos que o sujeito é formado por vários “eus”. O seu discurso é atravessado por várias vozes, de modo que, quando fala, o seu dizer não mais lhe pertence.

Outro conceito fundamental que apresentamos neste trabalho, diz respeito à noção de discurso. De acordo com Althusser (1970 *apud* MUSSALIM, 2001, p. 123), “o discurso é um ‘aparelho ideológico’ através do qual se dão os embates entre posições diferenciadas”. Podemos defini-lo como uma prática, um campo da linguística e da comunicação que visa a

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

analisar construções ideológicas presentes em um texto. Dentre as possibilidades de análise, há as dos textos veiculados na mídia. A AD nos permite trabalhar em busca dos processos de produção do sentido e de suas determinações histórico-sociais (ORLANDI, 1996). Sobre o discurso observado como ação social, Orlandi (2000, p. 20) diz que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento, prática de linguagem: com estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Outra definição possível é que o discurso é a prática social de produção de textos, isto é, todo discurso é uma edificação social, e que só pode ser analisado levando em consideração seu contexto histórico-social-ideológico e suas condições de produção. O texto, em contrapartida, é o produto da análise discursiva, é o objeto alvo da análise. Ele é também a construção sobre a qual se inclina o analista para trazer a tona as marcas que levam à investigação científica (BRANDÃO, 1998).

Mediante essa questão, não podemos nos esquecer da Formação Ideológica<sup>3</sup> presente nos textos que é na verdade o confronto de forças ideológicas em um dado momento histórico.

Assim, a FI abarca mais de um posicionamento capaz de confrontar-se ou não. Essas forças podem traçar entre si relações de união ou também de dominação. (MUSSALIM, 2001).

Pêcheux (1975 *apud* MUSSALIM, 2001, p. 119) enfatiza que as expressões, palavras, orações e sentenças mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as utilizam, sentidos esses que são determinados, em consonância com FIs nas quais se inscrevem estas posições.

Enquanto que a Formação Discursiva<sup>4</sup> é apresentada pela AD para indicar o lugar onde se ajustam discurso e ideologia, ela é também regulada por uma FI. A FD é a origem de sentidos que orienta o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso. (MUSSALIM, 2001). Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso, que pode ser concebido como a presença de diferentes discursos entrelaçados a outros, aos quais podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança. O conceito de FD tem origem na teoria foucaultiana (1987 *apud* FERNANDES, 2007, p. 58), que diz que todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem, integralmente outros discursos.

---

<sup>3</sup> Doravante “FI”.

<sup>4</sup> Doravante “FD”.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Portanto, o interdiscurso pode ser definido como o conjunto das formações discursivas e se insere na constituição do discurso.

Uma FD nunca será homogênea, posto que é constituída de diferentes discursos. Ela é complexa, incompleta, e sua análise depende de fatores como época, espaço social e condições de produção. Portanto, o interdiscurso determina a materialidade do efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o "já-dito", pois o dizer não é propriedade nossa somente. As palavras são significadas pela língua e pela história, ou seja, estão filiadas a uma memória. Enquanto que intradiscurso seria o eixo da formulação: aquilo que dizemos em algum dado momento, em dadas condições. Ele pode ser considerado como a visãomaterial do interdiscurso (FERNANDES, 2007, pp. 50-51).

De acordo com Orlandi (2001), ao pensarmos no discurso como uma tecido, podemos dizer que o interdiscurso é o "fio do discurso" de um sujeito; e o intradiscurso é a formulação desse na história. Dessa forma, todo dizer se encontra em dois pontos de junção, dois eixos, que são o da memória (constituição) e o da atualidade (fomulação). É desse eixo que se originam os sentidos de um texto. Sobre a questão do sentido, apresentamos a seguir o que a AD propõe.

Mediante o que foi exposto sobre o discurso e sobre a FI e FD, é importante mencionar a noção de sentido para AD, que é constituída pelas relações que se estabelecem entre as FDs no interior do espaço interdiscursivo. Mussalim (2001, p. 124) afirma que, apesar do seu caráter heterogêneo, o discurso não pode ser concebido como livre de restrições. O que é e o que não é possível de ser dito por um sujeito já está demarcado pela FD na qual ele está inserido. Os possíveis sentidos de um enunciado são, portanto, determinados, preestabelecidos pela identidade de cada uma das FDs evidenciadas no espaço interdiscursivo.

Apesar de os sentidos estarem previamente estabelecidos, eles não são concebidos *a priori*, isto é, eles não subsistem antes do discurso. O sentido vai se contruindo conforme o discurso é construído, de acordo com as posições ideológicas que vão sendo postas em debate entre as FDs que compõem o interdiscurso (MUSSALIM, 2001, p. 132).

Outro aspecto importante em nosso estudo, para a análise do material, é a concepção de cultura de um povo ou de grupo social. A cultura é desenvolvida ao longo de sua trajetória, através de suas histórias, na edificação de sua subsistência, na ordenação da vida social e política.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Podemos verificar que a cultura varia de grupo para grupo, bem como de uma sociedade a outra. Ela é transmitida de uma geração a outra por meio da aprendizagem e da convivência. A aquisição e a transmissão da cultura é um processo social, realizado pela aprendizagem. Cada sociedade passa aos seus herdeiros o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados (OLIVEIRA, 2000, p. 135).

De acordo com esse autor, a partir do momento em que nascem, todos os indivíduos são influenciados pelo meio em que vivem. A cultura é um modo de vida próprio, um estilo particular, que todas as comunidades possuem e que as identificam. Dessa maneira, os participantes de uma mesma cultura dividem o que chamamos de identidade cultural.

De acordo com Hall (2006, pp. 37-38), a identidade cultural diz respeito aos aspectos étnicos, raciais, linguísticos, religiosos, regionais e/ou nacionais. Ao refletir sobre a questão, o autor enfatiza particularmente as identidades culturais. Para ele, “a nação é além de uma entidade política – o Estado –, ela é um sistema de representação cultural” (HALL, 2006, p. 49). Assim, a nação é constituída de representações e símbolos que a fundamentam com uma dada identidade nacional. As culturas nacionais produzem sentidos com os quais nos identificamos e que assim constroem intrinsecamente nossas identidades:

A condição do homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo e faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. (SCRUTON, 1986, *apud* HALL, 2006, p. 48)

Esse processo de identificação no qual nos projetamos é que produz o sujeito pós – moderno, que não possui um identidade estável e contínua. Hall (2006, p. 13) afirma que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. O que significa dizer que dentro de cada indivíduo há diversas identidades contraditórias, movendo em direções diferentes, que nossas identificações estão desfocadas. O autor ainda afirma que a identidade unificada, pronta, segura e completa na pós-modernidade é um devaneio, pois ela está sempre em processo de construção. Para Hall (2006, p. 39), “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Dessa maneira, a identidade não é imutável, ao contrário, ela modifica-se constantemente e sempre na relação com o outro e com o mundo. Bauman (2005, p. 17) diz que a identidade, bem como o pertencimento não são sólidos como uma rocha, não são garantidos por toda uma vida, são na verdade bem negociáveis e podem se tornar nulos. A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, ou conforme ela fala, e nesse processo acontece a identificação. Podemos dizer que a identificação não é automática, mas construída no momento da produção dos discursos.

As identidades são construídas dentro e não fora do discurso e nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2006, p. 109)

Portanto, se as identidades são construídas nesse processo de interdiscurso. Elas podem ser inferidas a partir do léxico, pois ele é a parte constituinte da língua que demonstra as modificações e as variações da língua, considerada como ação. De acordo com Fiorin (2001, p. 29), o léxico é fio condutor de ideologias, retrata as mudanças sociais, é aparelho de mediação entre os homens, e pode ser considerado uma categoria que está sempre incorporando novos dizeres. Portanto, podemos notar que o léxico admite unidades de todos os registros linguísticos, inclusive a gíria.

A seguir, analisamos, à luz da fundamentação teórica contemplada nesta pesquisa, uma gíria retirada de uma charge da *Folha de São Paulo online* (2007).



*Folha de São Paulo online* (01/12/2007)

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

O estudante assume o papel de sujeito do discurso, ao usar a gíria na afirmação “Só pode ser um mané”. Analisando o discurso do garoto, verificamos que há um embate ideológico, pois a professora esperava outra resposta do aluno. Ela aguardava que ele dissesse simplesmente que o sujeito da frase fosse o eleitor, ou seja, o elemento sintático da oração, e não que ele se posicionasse criticamente frente ao enunciado.

O discurso do aluno traz à superfície, através da memória, o discurso do outro implícito em seu discurso. Para Lacan (*apud* MUSSALIN, p. 107), o Outro (com “O” maiúsculo) é o inconsciente de natureza psicanalítica, que é também constituído pelo “outro” (com “o” minúsculo) de natureza social. Na fala do garoto, podemos notar o discurso de seus familiares e de uma sociedade que desacredita ser possível existirem políticos honestos e éticos. A presença dos discursos dos familiares, da mídia, de professores, implícitos no discurso do aluno, confere a esse discurso um caráter heterogêneo. Outra questão importante é a que Fiorin (2001) aborda. Ele afirma que “o discurso é mais o lugar da reprodução que da criação”. Dessa forma, no discurso do garoto estão implícitos os dizeres, pensamentos e ideologias dos familiares, da sociedade e do grupo no qual ele está inserido, portanto, ele está reproduzindo inconscientemente o discurso daqueles que fazem parte do seu agrupamento social, ele está se identificando como membro de uma sociedade em que a política não é vista com bons olhos.

Dessa maneira, notamos que, ao falar, o estudante mostra sua identidade, pois, de acordo com Signorini (1998), a construção da identidade se dá na língua e através dela. Todo ato de fala é um ato de identidade. Ao dizer que o eleitor que acredita na honestidade dos políticos é um “mané”, já que “mané” é uma expressão popular que significa idiota, o estudante deixa claro qual é a sua FI, ou seja, quais suas crenças, valores e visão de mundo sobre a realidade política do nosso país.

Sobre essa questão, Hall (2006) explicita que a sociedade atual enfrenta uma crise de identidade na pós-modernidade. De acordo com ele, essa crise advém das transformações, do dinamismo e da globalização pela qual o mundo tem passado. Essas transformações tem fragmentado nossas identidades, desestruturando nossos valores e até a ideia que temos em relação a nós mesmos. As condições de produção do discurso do aluno são o contexto sócio-histórico atual do nosso país. Na atualidade, o país enfrenta diversas crises na política. Entre elas podemos citar políticos desonestos, sem ética, que são surpreendidos desviando de verbas, envolvidos em escândalos frequentes, com comprovação dos atos corruptos. Há também pela ausência do cumprimento das leis a proliferação da impunidade. Todos esses fatores colaboram para levar a sociedade tanto à descrença quanto à possibilidade da

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

inexistência de políticos honestos, comprometidos e que cumprem o seu papel, que é representar dignamente seus eleitores.

Um outro efeito de sentido que consideramos importante é o espaço onde o discurso acontece, a sala de aula. Lugar privilegiado para desenvolver uma visão crítica do mundo e da realidade, para aprender sobre as questões éticas, para desenvolver a cidadania e a autonomia. Observamos pela charge que, ao propor a análise sintática da frase em questão, a professora não apresenta nenhuma possibilidade de reflexão crítica sobre ela. Sabemos que atualmente existe uma busca pela renovação da didática e das maneiras de apresentar um conteúdo. A pedagogia renovada vem propor uma nova forma de ministrar aulas. De acordo com Libâneo (1990), essa nova perspectiva vê o processo de ensino-aprendizagem como uma busca para desenvolver a inteligência do educando, priorizando-o como sujeito que está inserido numa situação social. O aprendiz é visto como um ser autônomo, aquele que participa da construção do conhecimento e está apto a conquistar o saber. O professor é o condutor, o mediador desse processo, enquanto o meio ambiente atua como a necessária motivação dos alunos para seguir na direção do conhecimento. Outro fato importante é o efeito de sentido produzido pela gíria utilizada pelo estudante. Podemos verificar pela expressão facial da professora que ela fica assustada e desconcertada com o discurso do garoto, que, além de criticar o eleitor, dando sua visão de mundo, ainda utilizou uma gíria para enfatizar seu pensamento. Segundo Preti (1984), os professores afirmam não apresentarem qualquer preconceito quanto ao uso das variações linguísticas em sala de aula, mas pela charge podemos verificar que isso não é verdade. A professora assustou-se com o discurso do aluno, bem como com sua escolha lexical. De acordo com Bagno (2007), uma variante linguística vale de acordo com o prestígio social de seus falantes na sociedade. Verificamos que no uso da língua há implícitas relações de poder e hierarquia. Na charge, a professora é hierárquica e socialmente mais elevada que o aluno, no entanto, este apresenta uma visão de mundo muito mais crítica e real do que a própria professora, que é a mediadora do conhecimento. Esse fato vem corroborar o sentido da charge que é criticar de forma irônica a condução tradicional em uma sala de aula, a posição estruturalista de uma professora e também apontar a possibilidade de uma sociedade crítica, que se apresenta por meio do posicionamento do aluno, ao empregar uma gíria.

Na mídia e na cultura de massa, a gíria já vem sendo utilizada com frequência com o objetivo de aproximar à linguagem do interlocutor. Preti (1984) afirma que a gíria é inicialmente a linguagem de um único grupo, mas depois que ela se populariza passa a ser falada por um grande contingente da sociedade. Às vezes, utilizamos as gírias sem nos conscientizarmos do seu uso. Elas já estão de tal forma inseridas em nossa linguagem que não percebemos sua utilização.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apontou para a estreita relação entre língua, crenças e identidade. Através da análise da gíria inserida na charge, percebemos que toda vez que uma pessoa diz ela expõe suas crenças, valores, ideias e sua visão de mundo, conseqüentemente, sua identidade social. Dessa maneira, observamos que a identidade não é imutável, ao contrário, ela modifica-se constantemente e sempre na relação com o outro e com o mundo.

Verificamos também neste estudo os efeitos de sentido provocados entre os interlocutores e falantes de gírias. Ao fazer uso de determinada escolha lexical, o falante está se posicionando crítica e ideologicamente frente ao seu ouvinte. Esse aspecto aparece na fala do menino/aluno, quando ele utiliza a gíria “mané” para definir aqueles que acreditam na honestidade dos políticos, ou seja, pessoas simples, ingênuas e até “bobas”, que diante dos fatos ocorridos, ultimamente, em nosso país, continuam achando que possa haver político honesto. Ao se posicionar dessa forma, o aluno define sua postura política, assim como do seu grupo, mobilizando ideias que reforçam o conceito de desonestidade de muitos que atuam no ou com o poder público. Pode-se até afirmar que o garoto estivesse repetindo o que escuta em casa, mesmo assim, ele estaria revelando as crenças dos que o rodeiam.

Assim é possível perceber que a gíria constitui uma ferramenta que designa o lugar que o falante ocupa na sociedade, mostra também sua opção consciente na utilização de especificado nível de fala. O uso do léxico é o reflexo tanto de conflitos sociais, quanto da ideologia e da identidade dos falantes. Notamos que para esses usuários há uma necessidade de criar um signo linguístico próprio, não porque desconheçam outros níveis linguísticos, mas porque eles têm como objetivo a busca da proximidade com quem ele fala e a criação de efeitos de sentidos que outras palavras não oportunizariam criar. Portanto, os efeitos de sentido que emanam das escolhas linguísticas têm um resultado significativo, pois no dizer está contemplado a identidade.

Todos esses elementos expostos durante a construção deste trabalho facilitam a compreensão de que a gíria determina sim a identidade cultural dos falantes, moldam aspectos de sua personalidade que vão além dos aspectos linguísticos, pois é notório que, ao falar uma gíria, o sujeito do discurso deixa evidente sua formação ideológica, sua história, sua cultura e inseridos nela os hábitos, costumes, crenças, valores, juízo de valor, bem como sua visão de mundo.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

O presente estudo também foi profícuo ao analisar a relação língua, sociedade e cultura e mostrar que essas estão de tal forma entrelaçadas que é impossível dissociar o seu estudo, fazendo uma análise isolada das mesmas. Elas se complementam, uma perpassa e se insere no interior da outra, complementando seu entendimento e sua formação.

Enfim, conclui-se que as relações entre língua, sociedade e cultura estão entrelaçadas, se complementam, se perpassam, apontando posições de um determinado grupo social, político, religioso.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRANDÃO, H. H. N. **Subjetividade, argumentação, polifonia**: a propaganda da Petrobrás. São Paulo: UNESP, 1998.

BUENO, S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4ª edição. São Paulo: FTD, 2007.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2ª edição. São Paulo: Claraluz, 2007.

FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2001.

**Folha de São Paulo**. Apresenta conteúdo com charges. Disponível em: [noticias.uol.com.br/humor/1101\\_album.jhtm#fotoNav=22](http://noticias.uol.com.br/humor/1101_album.jhtm#fotoNav=22). Acesso em 12 de novembro de 2015.

LUFT, C. P. **Dicionário Luft**. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2004.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1990.
- MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. IN: **Gestos de Leitura: da História no discurso**. ORLANDI, Eni (org). 2ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- MUSSALIN, F. BENTES. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- OLIVEIRA, P. S. de. **Introdução à Sociologia**. 24ª edição. São Paulo. Ática. 2000.
- ORLANDI, E. P. **Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª edição. Campinas: Pontes, 1996.
- ORLANDI, E. P. **Discurso & leitura**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.
- PRETI, D. **A Gíria e outros temas**. São Paulo: Edusp, 1984.
- ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2000.
- SIGNORINI, I. **Língua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.
- SILVA, A. **Linguagem, Língua, Identidade Social e Discriminação Sociocultural**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: [artigonal.com/ensino-superior-artigos/linguagem-lingua-identidade-social-e-discriminacao-sociocultural-3202645.html](http://artigonal.com/ensino-superior-artigos/linguagem-lingua-identidade-social-e-discriminacao-sociocultural-3202645.html). Acesso em: 11 de janeiro 2015.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

## SLANG: POSSIBILITIES OF READINGS FROM A DISCURSIVE PERSPECTIVE

**Flávia Junia Justino Pacheco Garcia**

Instituto Federal do Triângulo Mineiro

([flaviajunia@iftm.edu.br](mailto:flaviajunia@iftm.edu.br))

**Kátia Maria Capucci Fabri**

Universidade Federal de Uberlândia

([katiacfabri@gmail.com](mailto:katiacfabri@gmail.com))

### ABSTRACT

The objectives of this study are to analyze how slang, as linguistic phenomenon, happens; and how its use identifies people who say slangs; what are its implications in human relations. Beside this, this study intends to observe what are the effects of the meaning the slang produces. This research is justified by the need for understanding and analyzing that language is a social activity. Then, the language phenomena and culture are two inseparable instruments. From this reason, the research questions are listed: what is the relationship between language, society and culture? What is the relationship between language and identity? How slang culturally classifies a social group? What are its effects of meaning? The theoretical basis for this study is based on Hall (2006), Orlandi (2001), Mussalim (2001) and Fiorin (2001). The nature of the research is qualitative Lakatos, (2004) and the material of the study consists of one slang from the newspaper *Folha de São Paulo* online - 2007.

**Keywords:** Reading; Identity; Speech.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

## JERGA: POSSIBILIDADES DE LECTURA DESDE UNA PERSPECTIVA DISCURSIVA

**Flávia Junia Justino Pacheco Garcia**

Instituto Federal do Triângulo Mineiro

([flaviajunia@iftm.edu.br](mailto:flaviajunia@iftm.edu.br))

**Kátia Maria Capucci Fabri**

Universidade Federal de Uberlândia

([katiacfabri@gmail.com](mailto:katiacfabri@gmail.com))

### RESUMEN

Este estudio tiene como objetivos analizar cuáles efectos de sentidos el fenómeno lingüístico del argot puede promover y como su utilización puede apuntar hacia la identidad de los hablantes que lo producen y que lo interpretan. Esta investigación se justifica por la necesidad de comprensión y análisis de que la lengua es una actividad social, siendo un fenómeno indisociable de la cultura. Partiendo de tal justificación, se levantan preguntas como: ¿cuál es la relación entre lengua e identidad social? ¿cómo el argot clasifica culturalmente un grupo social? ¿Qué efectos se sentido el argot puede provocar entre los interlocutores de la conversación? Las concepciones teóricas para la realización de este trabajo están en Hall (2006), Orlandi (2001), Mussalim (2001) e Fiorin (2001). El método de investigación propuesto es el deductivo (Gil, 1999) y la naturaleza de la investigación es la cualitativa (Lakatos, 2004). El corpus del estudio está constituido de un argot retirado de una tira publicada en una edición on-line del periódico Folha de São Paulo, vehiculada en 2007.

**Palabras-clave:** Lectura; Identidad; Discurso.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------